

PROGRAMA SÓCIO CULTURAL - PSC

QUARTO CONCURSO LITERÁRIO

SE UM DIA EU...

“Se um dia eu...” é uma frase que já pronunciei umas milhares de vezes, e que me acompanha desde a mais tenra idade. Designa sonhos, objetivos e esperança.

Agora, ao me sentar diante do computador e pensar no que escrever, percebo que meus sonhos são diferentes daquelas da minha meninice, talvez mais simples, ou mais ousados, um tanto infantis ou utópicos. Depende. Talvez apenas diferentes.

Ao pensar nessa frase “Se um dia eu...” enquanto caminhava pelas ruas arborizadas nesta tarde, uma idéia me veio à cabeça, um desejo, um sonho.

Se um dia eu pudesse, seria uma escritora.

Pudera eu ter o dom de transformar os pensamentos, os desejos, e os sonhos em palavras escritas, e poder transmitir ao leitor prazer e emoções em cada parágrafo!

O primeiro trabalho seria uma biografia, mas não aquela que se prende a datas e feitos. Daria enfoque àquilo que foi sonhado, desejado, planejado, literalmente me referindo ao "Se um dia eu...".

Meu pensamento faz uma viagem no tempo e, pela velocidade, só pode ser de foguete. Num instante me vejo criança pequena se preparando para mais uma sessão do programa Jovem Guarda e pensando: “Se um dia eu puder, vou ser cantora, e me apresentarei nesse programa aí...”. E, no mesmo instante, vejo-me em pé, em cima do sofá, pegando meu microfone que, nas horas vagas, exercia a função de vassoura de mamãe. E treinava muito, afinal seria uma cantora famosa e de muito talento. Esse era o objetivo.

Com o passar do tempo, a força do "Se um dia eu..." cresceu na mesma proporção do meu desenvolvimento. Ser cantora já não estava mais nos planos. Sonhava mais alto, queria ser uma princesa e, se um dia eu encontrasse um

príncipe, que este fosse bem bonito, montado em um cavalo branco. Qual menina nunca pensou nisso um dia?

Curioso... tudo era coisa pro futuro. E o futuro era apenas uma palavra tão abstrata, sinônima de “daqui a muito tempo”, sugeria muita disponibilidade, muitos milhares de quilômetros adiante... mas tudo bem, eu tinha mesmo uma vida inteira pela frente.

Os sonhos e desejos na adolescência tomaram outro rumo, os devaneios pairavam sob o aspecto profissional. E então, nesta fase, completava a frase “Se um dia eu...” de outra maneira: ora eu queria ser médica, ora secretária, às vezes professora. Nessa época, o meu príncipe nem precisaria vir mais a cavalo; poderia e seria muito bom, diga-se de passagem, se viesse de motocicleta, pois os meninos mais cobiçados da época possuíam uma.

E ainda, se um dia eu tivesse muita sorte, ganharia na loteria - primeiro prêmio, é claro - e resolveria os problemas de todo mundo do meu mundo: pais, irmãos, amigos. E os meus, principalmente.

Um dia, sem que eu percebesse direito, ocupada demasiadamente com uma busca de não-sei-o-quê, me dei conta que o futuro já tinha chegado, sem mais, nem menos. Então, surpresa, constato que aquele “Se um dia eu...” de outrora, que se traduzia em planos, sonhos e desejos, e coisas para serem realizadas dali a muito tempo, hoje percorre o caminho inverso, numa trilha nostálgica. Dá vontade de ser dona do tempo. Se um dia eu pudesse, voltaria ao passado e faria alguns pequenos ajustes naquilo que não aconteceu, nos desencontros, nos desvios de percurso.

Nenhum príncipe a cavalo, nem de motocicleta. Hoje talvez eu nem me importasse se ele viesse de bicicleta, desde que viesse...

Hoje vejo que a cantora não faria sucesso com essa voz que eu tenho de “taquara rachada”, como diria minha avó. Meu microfone oficial resolvera assumir a profissão que tinha nas horas vagas e torná-la atividade principal, por ter mais serventia como vassoura.

Nem médica, nem secretária, tampouco professora. Mas dou graças por não ter sido: não posso ver sangue, não fiz curso de secretariado nem de pedagogia. E não teria tido a oportunidade de aprender uma língua paralela dentro da nossa. No exercício de minha atual profissão, descobri que a língua

portuguesa, tão rica em vocabulário e gramática e quase impossível de ser assimilado na íntegra, tem uma variante proveniente da classe social mais simples e menos favorecida, do migrante que vive duplamente “amontoado”, (para quem não sabe, amontoado é a qualidade de quem vive abarrotado com uma porção de coisas e também designa o estado civil de um sujeito). Não teria conhecido pessoalmente os “Michael Jackson” e “John Lennon” brasileiros. Não teria constatado que meus sonhos perdem a importância diante daqueles que esperam por anos a tão almejada casinha.

Ficaria horas aqui relacionando todas as expressões, todas as novas palavras, todos os “causos” contados por essa gente sofrida de coração maior que a própria estatura.

Narraria, com muita riqueza de detalhes e regadas com muita emoção, as passagens divertidas, e também as tristes, que presencio na minha rotina diária de trabalho, e que dá sentido, cor e movimento à minha vida... se um dia eu fosse escritora!